

Livingston, e suas viagens na Africa central. — Gravura de Coelho.

O doutor Livingston nasceu na aldeia de Blantyre, onde seu pae Neil Livingston e sua mãe Agnes Hunter se casaram, e viveram muito tempo antes, e mais de trinta annos depois. Esta familia mudou-se das fabricas de fiação de Blantyre para Hamilton ha mais de dezeseis annos, e ahi residem ainda a mãe, duas irmãs, e agora, com a avó, a nova familia do doutor.

David Livingston trabalhou na mocidade n'uma d'aquellas fabricas como aprendiz, e antes de a deixar, sendo já official, frequentava as aulas em Glasgow nos mezes de inverno, tornando para a fabrica nos mezes das ferias do verão. Em 1840 deixou Blantyre, e contratado pela sociedade missionaria de Londres foi para o sul d'Africa. Livingston tem dois irmãos na America; o mais velho, chamado João, é negociante no Canadá; o mais moço, Carlos, é sacerdote protestante.

O doutor Livingston tem cerca de quarenta annos de edade: a sua physionomia enrugou com a dureza dos trabalhos, e está mui tostada pelos ardores do sol a que se tem exposto. Falla com hesitação; tem um accento particular; falta-lhe muitas vezes a palavra. A sua linguagem é comtudo correcta, e mostra ter grande fundo de mui valiosos conhecimentos, que é facil em liberalisar. Goza de boa saude, e de espirito são. Teve o braço esquerdo quebrado por um leão, padece uma affecção na uvula, que agora o impede de fallar muito em publico, além de que nos ultimos dezeseis annos tem tido poucas occasiões de fallar a sua lingua natal.

As penultimas noticias que teve da Europa foram achal-o no sertão, mui distante da costa, e sobre o reino de Angola. Foi lá que soube da batalha de Balaklava, e d'ahi a receber outras passou-se mais de um anno.

O doutor Livingston é casado com uma filha de mr. Moffatt, o missionario civilisador da nação Buchuana. Moffatt, não sabendo de seu genro havia muito tempo, tentou penetrar no interior d'Africa, a procural-o. Não conseguiu porém encontral-o, mas pôde mandar-lhe por uma tribu amiga, por via de Matebele, um maço de livros, gazetas e cartas. Este maço chegou á margem do sul, onde o Zambeze separava duas tribus inimigas, muito ao norte das quaes se achava então o incançavel explorador. Os cafres do sul chamaram os do norte para lhes dizerem que tinham em seu poder cousas para o dou-

tor, que ambas as tribus respeitavam muito. Os do norte recusaram-se atravessar o rio para haver o deposito, dizendo que os livros e papeis continham remedios que podiam enfeitiçar. «Pois bem, disseram os do sul, aqui os deixâmos por vossa conta. Se se perderem, vossa será a responsabilidade.» E retiraram-se. Os do norte pensaram então melhor; atravessaram o rio, puzeram o maço n'uma ilha perto de Mosiotomya, e fizeram uma choupana para o resguardar. Um anno depois foi o doutor encontrar o maço intacto. Nas suas viagens tem sido atacado pela febre africana mais de trinta vezes. Dormia constantemente ao ar livre no mais insalubre dos climas; viajava por areaes, praias, e desertos bravios, sem nenhuma defesa humana senão o seu braço direito.

Em 1856 regressou a Inglaterra, e apresentou-se na real sociedade geographica de Londres, que pelas suas explorações no interior de Africa o tinha já premiado com a medalha de oiro. Ás perguntas que o presidente lhe dirigiu a respeito dos novos artigos de commercio, que encontrára nas suas viagens, respondeu, que consistiam principalmente em substancias filamentosas, algumas extremamente tenazes, e d'ellas uma mui similhante ao linho, abundantissima nas margens septentrionaes do rio Zambeze. Tambem alli se dava abundantemente a canna d'assucar, ainda que os indigenas nenhuma idéa tinham d'este producto, nem do seu uso. Por toda a parte nascia bravio e espontaneo o anil: nas visinhanças de Tete havia d'elle geiras e geiras de terra, e de facto alli se deve esta planta considerar brava. Cera e mel, quina e senne, são outras das valiosas producções naturaes do paiz, que além d'isto tem diversos metaes, inclusivè excellente minerio de ferro, e malachites, de que se extrahe cobre. Os jazigos de carvão de pedra são extensos, e por vezes se acha n'elles misturado oiro, que é e continúa a ser explorado por aquelles povos desde tempos immemoriaes. Perto de Tete não ha menos de onze vieiros de carvão de pedra, um d'elles de 57 pollegadas de grossura. O paiz é tão fertil, que nas hortas cultivadas pelos naturaes, o processo de semear e colher é continuo em todo o curso do anno. Produz tambem grande quantidade de cereaes. O territorio ao sul do 20° de latitude é arido e não contém senão poucos rios; mas o do norte d'esta linha é bem irrigado, e mui diverso do que tradicionalmente se soppõe ser a Africa Central. A parte que Livingston atravessou, é cortada por uma rede de rios que não seccam nunca. Os naturaes são da verdadeira raça negra, com grande abundancia de carapinha, e de côr muito mais escura que os Buchuanos. Tem as mulheres em alta estima, e muitas d'ellas chegam entre elles ao supremo mando. Achára ser inutil sobrecarregar-se de mantimentos em viagem, pois os animaes silvestres não pareciam ter conhecimento de armas de fogo, e por isso se aproximavam a alcance de tiro. No interior fôra tratado com affabilidade pelo povo, e não podia affirmar que se encontrassem melhores povos nas proximidades dos civilisados. O nome inglez tinha penetrado muito no interior, e os inglezes eram conhecidos alli como tribu amiga da raça negra. Lá existia a escravidão domestica, mas a exportação de escravos reprimia-se efficazmente.

A primeira viagem de exploração do doutor Livingston foi emprehendida em 1849, e n'ella penetrou no interior d'Africa até ao lago Ngami. Tres annos depois partiu para a sua grande expedição de perto de 11:000 milhas de marcha, a maior parte das quaes por caminho inteiramente desconhecido dos europeus. O paiz que atravessou, dirigindo-se do cabo da Boa-Esperança para S. Paulo da Assumpção de Loanda, e d'aqui atravez do continente até Quillimane, distingue-se principalmente pelo grande numero de rios correntes. As carretas são já de pouco uso, passado para o norte o 20° lat. sul. Ao cuidado de Sekelutu, chefe dos makololos, deixou a em que viajára desde o cabo, e continuou a caminhar em canoas pelo Zambeze, rio mais largo que o Tamisa em Londres. Chegando ao 13° lat. preferiu montar n'um boi, e viajar no aristocratico vehiculo do paiz, isto é, em maxillas aos hombros dos pretos. Dirigiu-se a Loanda, na costa occidental. Depois desandou do mesmo modo de Loanda para o Zambeze; passou um ou dois mezes entre os seus amigos makololos; e, mettendo-se no mesmo rio, desceu até perto da costa oriental. Esta ultima parte do paiz é da fórma de uma bacia, e não, como ousaram affirmar os que nunca a examinaram, uma planura elevada, ou uma steppe — solidão de vastas campinas arenosas. Tem orlas elevadas, de rochas duras e cristallinas, bordando um valle de alluvião, comparativamente mais inferior, em muitas partes do qual passou Livingston semanas inteiras sem ver elevação maior que uma toca de formigas, ou rocha á flor da terra. Esta formação foi primeiramente annunciada ao mundo scientifico por sir Rodrick Murchinson, levado a tal conclusão pelo estudo do mappa geologico d'Africa meridional de mr. Bain. A inspecção local do doutor Livingston o confirmou. Os rios do valle central desaguam no Oceano pelas gargantas das cordilheiras que o cercam. O Zambeze é a aorta da grande ramificação das aguas no grande valle. O rio de Quillimane é o mesmo Zambeze, todo navegavel, sem que desappareça da superficie da terra, como erradamente tem crido muitos, que lhe não tem seguido o curso. Não será inutil lembrar a este respeito, que a recente opinião do viajante inglez está d'acordo com outra de um escriptor portuguez de grande auctoridade, dos primeiros annos do seculo XVII. Para a conhecerem podem os curiosos consultar com proveito a *Ethiopia Oriental, e vária historia do oriente*, pelo missionario portuguez padre frei João dos Santos, principalmente no seu livro 2.°

O doutor Livingston foi sempre acolhido nas colonias portuguezas em que tocou ou descançou, de modo que muito honra o espirito das nossas auctoridades ultramarinas. D'isso deu elle proprio publico e lisongeiro testimunho, que foi objecto de superiores communicações entre os dois governos inglez e portuguez, e que o publico teve occasião de conhecer pela imprensa official.

O CAPITÃO MAC-CLURE

As tentativas nos mares glaciaes do Arctico, em procura da passagem noroeste, encetadas pelo veneziano Cabot, a serviço da Grã-Bretanha, foram corajosamente continuadas pelos irmãos Corte-Real, portuguezes; porém, mais infelizes do que aquelle, ficaram sepultados nos gelos polares, como modernamente succedeu a Franklin, cuja biographia esboçámos em o n.° 7 d'este semanario.

Verazzano, Jacques Cartier, Forbisher, Davis, Hudson, Munck, James, Fox, Baffin, Hearne, Mackensie, e outros ousados navegadores, com mais ou menos fortuna, tentaram até ao fim do seculo passado, encontrar a desejada passagem; mas essa gloria estava reservada ao capitão Mac-Clure, e ao seculo em que vivemos

O erudito hespanhol D. Ramon de la Sagra diz, em um jornal de Madrid, de março de 1854, que ouvíra contar ao nosso esclarecido compatriota, o visconde de Santarem, a historia de um navegador, Lourenço Ferrer Maldonado, que, em 1588, passára do Atlantico para o Pacifico pelo nordeste, isto, é, em sentido opposto ás diligencias que os demais na-

vegadores polares tem feito. E accrescenta que, a relação de Maldonado se acha n'um manuscripto hespanhol, conservado na bibliotheca ambrosiana de Milão. Isto porém em nada prejudica a gloria de Mac-Clure, como não poderia prejudicar a de Magalhães, que encontrou a passagem sudoeste de um para outro mar.

Tambem o cardeal Saraiva (D. Francisco de S. Luiz) cita a historia de um tal Melgueiro, piloto portuguez e mestre de um navio hollandez, que, em meado do seculo XVII, se dirigíra do Japão aos mares do polo arctico, até 84 graus (!) e que passando entre Groenlandia e o Spitzberg, regressára a Portugal. Um auctor estrangeiro, Buache, confirma esta noticia, que todavia encontra quasi geral incredulidade. A ser verdadeira, cabia a Melgueiro a gloria de ser o primeiro que atravessára pelo norueste de um para outro oceano, acrescendo a difficuldade de haver passado em muito maior altura do que o capitão Mac-Clure.

Deixemos porém de parte esta questão, com quanto lisongeira para o orgulho nacional, e vamos acompanhar os ousados navegadores d'este seculo, que tentaram achar a desejada passagem.

Beckey, Dease e Simpson creram ter descoberto o canal de communicação entre os dois mares, mas foram violentados pelos gelos a não se certificarem positivamente de haverem concluido a grande empreza. Mac-Clure pôde escapar, por milagre, ás avalanches do Arctico, sem ter conseguido atravessar de um para outro mar, mas ao menos trazendo a certeza da sua existencia, e por consequencia decidida a questão da passagem do Atlantico para o Pacifico pelo noroeste da America.

O capitão Brag subiu até 87 graus norte, mais do que o supposto ou verdadeiro piloto portuguez, onde creu haver encontrado um continente, porém nada adiantou para oeste.

Famosos nomes contemporaneos estão ligados á empreza da passagem noroeste: Ross, Parry, Franklin, Beechey, Back, e tantos outros ahi figuram, até que o afortunado Mac-Clure conseguiu leval-a a cabo. Seguiremos este ultimo, em detrimento de seus audaciosos predecessores na carreira do polo, de alguns dos quaes talvez ainda de futuro nos occupemos, como já cuidámos de sir John Franklin.

Quando James Clerk Ross se dirigiu aos gelos do Arctico em busca da expedição de Franklin (1848) era o joven Mac-Clure tenente de marinha a bordo do *Investigador;* e logo em 1850 encontramos este official commandando o mesmo navio em que servira como tenente, e entrando no estreito de Behring, para descobrir, como elle dizia, *ou Franklin ou a passagem noroeste!*

O capitão Kellet, que encontrou Mac-Clure em 67° 44′ de latitude norte, dizia que cousa alguma o havia impressionado tanto como o ar de resolução e de confiança do joven navegador, que ia investir com o polo. Depois passaram tres annos, sem que á Europa viessem novas dos ousados aventureiros do *Investigador*. Nós, porém, vamos seguil-os na sua atrevida derrota ao longo da costa da America, para não transtornar a ordem chronologica dos successos.

Passando o cabo Barrow da Georgia occidental, o nosso capitão aproou direito ao norte, porém os gelos compactos do Arctico repelliram-o constantemente para a costa americana. A 8 de agosto encontraram uma tribu de esquimaus inoffensivos; e a 10 passaram diante da embocadura do Colville ou Youcccu, rio que desce do monte S. Elias, e corre parallelamente ao Mackensie. De espaço a espaço, e nos logares mais salientes, estes navegadores elevavam um poste, e deixavam escripta uma nota da sua viagem, para conhecimento dos que os seguissem.

A 21 passaram a ilha de Garry, descoberta por Franklin, e o delta do Mackensie; e a 24 encontraram na ponta de Warren um bando de esquimaus bravios. A 30 communicaram com os selvagens pescadores de cabo Bathurst, onde tiveram noticias da expedição de Richardson, em busca de Franklin.

No dia 5 de setembro gozaram de uma alegria momentanea, enxergando uma espessa columna de fumo que se elevava de sobre os gelos.

Seria a gente da expedição de Franklin?

Triste desillusão! Só encontraram em terra monticulos vulcanicos, d'onde saía aquella fumarada.

A 6, achando-se pelo travez do cabo Parry, descobriram uma terra alta, a cincoenta milhas de distancia, na direcção de nordeste. Vogando para ella, acharam-se no dia 7 pela manhã na sua extremidade meridional, magnifico promontorio de rochedos perpendiculares de mais de mil pés de altura: deram-lhe o nome de *Cabo Nelson*. E em seguida desembarcaram, tomando conta da terra em nome da Grã-Bretanha, e impondo-lhe o titulo de *ilha de Baring*, por se chamar assim o primeiro lord do almirantado inglez. Estavam em 71 graus de latitude.

Velejando de novo, descobriram no dia 9 outra costa, que denominaram *Terra do Principe Alberto*, e ao canal que separava uma da outra appellidaram *Estreito do Principe de Galles*.

Este canal, que já hoje é conhecido com justa causa pelo nome de *Mac-Clure*, que a posteridade lhe não disputará de certo, é a desejada *passagem norueste*, procurada ha tres seculos e meio!

Indagações posteriores confirmaram este grande achado, pois que o mesmo Mac-Clure teve a immensa alegria de reconhecer que o canal descoberto communicava com as aguas do archipelago de Parry, e que a costa nordeste da ilha de Baringe era a terra de Banks, que Eduardo Parry entrevíra, em 1819, das alturas da ilha Melville.

O mundo tinha mais uma estrada!

Não fatigaremos o leitor, pintando-lhe as scenas de horror de que foram victimas, durante tres invernos, nos gelos polares, os companheiros de Mac-Clure; n'esses climas, onde a natureza parece morta, e em que a navegação, sempre arriscada, apenas é possivel em quarenta ou cincoenta dias de cada anno!

Sobre um trenó, e acompanhado apenas de sete homens, Mac-Clure chegou á ilha Melville, onde a expedição de Parry tinha invernado trinta e tres annos antes; lá acharam a inscripção commemorativa d'esse acontecimento.

Em março de 1853 designou Mac-Clure a parte da sua gente, que não estava no caso de supportar um quarto inverno polar, para volver a Inglaterra, dividida em dois destacamentos, um pela via Mackensie, outro pela bahia de Baffin; porém nas vesperas de haver de se effectuar essa partida, um anjo salvador appareceu aos tristes aventureiros. Foi o tenente Pim, do *Xerald*, commandado por Kellet, que tendo penetrado até á ilha de Melville, e achado alli uma inscripção de Mac-Clure, se apressára a vir annunciar-lhe que alli estavam os dois navios de Kellet, e por tanto a salvação!

O *Investigador* estava em perigo de não sair mais d'entre os gelos; porém o seu capitão só o abandonou momentaneamente. Caminhando 170 milhas sobre o gelo, Mac-Clure e seus companheiros chegaram a Melville, e abraçaram cordealmente os seus compatriotas da expedição de Kellet.

O tenente Creswell, do *Investigador*, voltou a Inglaterra com alguns invalidos do seu navio, no brigue *Phenix*, e chegou a Londres, em 7 de outubro de 1853, com a insigne honra de haver sido o primeiro que fizera um giro completo em roda do continente americano, tendo passado pelo cabo de Hovn e pelo estreito de Behring.

Mac-Clure ficou ainda á testa da sua gente, mais ou menos robusta, esperando pelo verão de 1854 para salvar o seu navio, que não havia soffrido grandes avarias.

Que faz hoje o illustre navegador? É o que ignorâmos. Mas o seu nome será para sempre lembrado, como os de Gil Eannes, Pero de Alemquer, Fernão de Magalhães, Colombo, e demais audaciosos descobridores.

F. M. BORDALO

O MUATA-CAZEMBE

Quem ha ahi que não tenha ouvido fallar do Monomotapa, para onde o inimitavel Cervantes enviava ás vezes os heroes de que queria descartar-se? Quem conhece na Europa o imperio do Muata-Cazembe, situado a pouca distancia d'aquella região meio fantastica? Os portuguezes que possuem sobre as costas d'Africa oriental, Quillimane, Sena e Tete, não podiam ter a mesma desculpa que as outras nações para premanecerem na indifferença ou ingnorancia do interior d'aquelle vasto territorio. No decurso do ultimo seculo dirigimos muitas expedições aos sertões d'Africa com o intuito de descobrir caminho para communicar atravez d'elles uma e outra costa, a oriental de Moçambique, e a occidental de Angola. Em 1798 o infeliz doutor José de Lacerda proseguia nos trabalhos d'essa descoberta, quando a morte veiu assaltal-o em Cazembe. Foi então que, talvez pela vez primeira, repercutiu na Europa o nome do seu Muata, o que esporeou o desejo do governo portuguez recommendar frequentemente que se continuasse n'aquella interrompida exploração.



Africa. — Audiencia solemne do Muata-Cazembe

Em 1831 o governador de Quillimane e Rios de Sena julgou occasião opportuna para mandar emprehender o que até alli se não tinha podido realisar, e para esse fim aprestou uma expedição de que fez primeiro commandante o major Monteiro, e segundo, o nosso actual collaborador o infatigavel major Antonio Candido Pedroso Gamitto, que então commandava a guarnição da villa de Sena. No dia 1.° de junho poz-se a expedição em marcha, saindo da villa de Tete, atravessando o Zambeze, e caminhando para as terras Maraves.

Até ao rio Mucuzi a marcha, ainda que ás vezes incommoda, fez-se atravessando regiões agradaveis. D'ahi por diante, até ao Cazembe propriamente dito, a caravana viu-se exposta a tantas provações, que esteve a ponto de retrogradar. Não foi das nações independentes dos cafres, que os portuguezes tiveram que defender-se, porque as relações mais ou menos estreitas que desde seculos se mantem entre as tribus mais bellicosas e o governo de Sena, os punham como a abrigo de insulto. Accommettera-os o mais terrivel dos flagellos, que podem assaltar uma caravana n'estas solidões sem cultura. Antes de tres mezes de peregrinação incessante dizimava-os a fome. Tendo calculado mal a sua provisão de viveres, viram-se obrigados a alimentar-se com fructos colhidos ao acaso, e sem conhecerem suas qualidades deleterias; desertando-lhes ao mesmo tempo os negros

carregadores que levavam, o que os compellia ou a carregarem com os fardos, que se não podiam abandonar no deserto, porque a salvação da expedição estava nos presentes que ella désse; ou a voltarem-se contra os negros, que atiravam ao chão desesperados todas aquellas caixas cheias de riquezas da industria europea. Muitas vezes se viram os portuguezes da expedição obrigados a enterrar ás escondidas os seus mortos, para escaparem ás leis supersticiosas do paiz. No decurso d'esta perigosa viagem, que não durou menos de cinco mezes, perdeu a expedição, ou pelas doenças ou pela deserção, perto de 72 pessoas. Chegando mesmo ao termo da viagem premeditada, foram ainda atacados por uma epidemia de bexigas, e mezes depois pelo escorbuto.

Chegados a Lunda, capital de Cazembe, onde as provisões abundam, podia suppor-se que as suas miserias iam cessar. Não foi porém assim. O monarcha africano não lhes fornecia viveres senão com parcimonia calculada e intencional, esperando sem duvida conserval-os dependentes, por meio d'uma das mais imperiosas necessidades da vida. A audiencia solemne, devida a taes embaixadores, era demorada systematicamente. Os *gangas*, adivinhões antropofagos, cujas mysteriosas assembléas terminam com horriveis festins, juntavam a sua politica á do chefe,



O Muata-Cazembe vestido de grande gala

para dessolar os portuguezes, e retardar o momento de voltarem á costa. Estas delongas, que desde o principio entrevíra, sem poder prever-lhes todas as consequencias, pouco affectaram Gamitto, que fôra o primeiro a chegar a Lunda; mas quando se lhe reuniu o primeiro commandante, sentiu, tanto como Monteiro, a necessidade de lhes pôr termo, e por isso combinaram os seus esforços a fim de que a audiencia solemne para que se tinha preparado a mais bella praça de Lunda, não fosse por muito mais tempo demorada.

Passâmos em silencio os mil incommodos que assaltaram os dois chefes da expedição, por occasião dos presentes officiaes: pouparemos aos leitores a narração dos ardis diplomaticos, com tanta habilidade empregados pelo chefe cafre. O grande negocio dos presentes foi em fim decidido, e ajustou-se que a solemne recepção dos portuguezes tivesse logar na praça de Mossumba, residencia imperial situada a alguma distancia da cidade propriamente dita.

Para que as cousas corressem segundo a etiqueta de rigor, a marcha dos europeus não devia durar menos d'um dia. No termo fixado, teve ella logar, e mal se acreditará, que não foram nem os uniformes pouco mais ou menos novos dos soldados de Sena, nem as suas espingardas luzidias, nem mesmo as bellas e espelhentas espadas dos commandantes, que attrahiram as vistas da multidão. Um pobre burro

que comsigo levára o negociante Montalvo, membro da expedição, para lhe alliviar de quando em quando os incommodos da marcha, e em que Gamitto montára, depois de o ajaezar com uma pelle de onça, captava todas as attenções, porque talvez sob o seu esplendido disfarce parecesse aos habitantes de Lunda algum animal maravilhoso com que os estrangeiros iam dotar o seu paiz. Nunca, desde o asno da fabula houve burro que tivesse egual acceitação!

Qualquer que fosse a admiração produzida na população negra por tão estranha maravilha, e pela marcha dos europeus, a admiração d'estes foi ainda maior quando se acharam de improviso diante do Muata-Cazembe, no vasto recinto que lhe fôra reservado, porque estavam bem longe de suspeitar cousa alguma do imponente caracter da sua pompa meio barbara.

Na praça do Chipango (que assim designam o espaço, que está livre diante da residencia do monarcha africano) estavam reunidas todas as forças militares de que o Muata podia então dispor na capital, tropas pouco mais ou menos regulares, que chegariam a cinco ou seis mil homens, quasi todos de elevada estatura, com arco, azagaia, ou *poucouyé*, alfange formidavel, com a folha resplandecente, de que os cafres se sabem servir com admiravel destreza. Todos estes negros de pelle lustrosa estavam em pé, mas sem denunciarem a menor disciplina militar. Os olhos dos portuguezes procuravam com curiosidade o Muata-Cazembe, até que o descobriram, sentado ao lado esquerdo da porta oriental, uma d'aquellas por que se penetra na Mossumba. Serviam-lhe de estrado muitas pelles de tigre, dispostas por fórma que as caudas ficavam todas para a parte exterior, e faziam uma como estrella. A pelle d'um enorme leão sobrecobria o centro, e ahi sentado n'uma especie de tamborete forrado de panno verde, estava o Muata, com todas suas galas. Para receber os portuguezes tinha-se vestido com uma elegancia, especie de esplendor mesmo, que offuscava os adornos, ás vezes brilhantes, mas mui vulgares, que a expedição víra nos outros mambos. Ouçamos o que a respeito das galas reaes diz a relação que seguimos.

«Ornava-lhe a cabeça uma especie de mitra de fórma pyramidal, de altura de dois palmos, feita de pennas escarlates de uma côr mui viva. Cingia-lhe a testa um diadema feito de pedras, que pela variedade de cores e suas qualidades fazia uma vista muito brilhante. Na parte posterior da cabeça erguia-se da nuca uma tira de panno verde do feitio d'um leque, sustido por duas pequenas flexas de marfim. O pescoço e hombros estavam cobertos com uma especie de murça, cuja parte superior era feita de fundos de busio, seguia-se uma faxa de lindas pedras falsas de vidro, e na parte inferior havia uma guarnição de pequenos espelhos redondos e quadrados, postos alternadamente e com symetria, que caía egualmente sobre os hombros peito e costas, com o que rematava a murça, e onde não se podia fixar a vista quando por acaso lhe chegava algum raio de sol. Em cada braço e acima do cotovelo tinha posta uma faxa de panno azul da largura de quatro pollegadas, cujas bordas eram guarnecidas com tiras mui finas de pelle, cujo cabello de quatro a cinco pollegadas de comprimento, é de côr branca e preta, mas que á primeira vista parece uma franja, adorno de que só o Mambo Cazembe e os seus proximos parentes podem usar, porque é uma insignia real. Do cotovelo até ao pulso o braço estava ornado com um fio de pedras azues claras.

«Do umbigo até aos joelhos cobria-lhe o corpo um panno amarello com duas orlas de cada lado da largura de quatro dedos cada uma, sendo a superior azul, e a outra encarnada. Tendo este panno umas poucas de braças de comprimento, a maneira de o vestir é ajustando uma das extremidades ao corpo, a qual é pregada ao mesmo panno com uma pequena flexa de marfim posta por cima do umbigo, e sobre este ponto se vae colhendo todo o resto do panno em pregas miudas e muito eguaes, e quando está todo assim colhido, é cingido por uma tira de coiro cru, formando por isso as pregas uma roseta. Ao panno chamam Mucônzo, e á cinta de panno Insipo.

«Esta tira é cortada da pelle de um boi em todo o comprimento do espinhaço, desde o cachaço até á cauda inclusivè, ficando com a largura de cinco a seis pollegadas. Quando o Insipo cinge o Mucônzo, fica a borla da cauda caída debaixo da roseta ou leque de pregas mencionado. O Muata tinha pendente no lado direito, e seguro ao Insipo, um fio de pedras, em cuja extremidade estava uma pequena campainha que, quando elle andava, tocando-lhe nas pernas, se fazia ouvir compassadamente e por intervallos. Dos joelhos para baixo, em torno das pernas, trazia uns fios de pedras eguaes ás dos braços. Vestido e ornado d'esta maneira não apparecia nú senão o rosto, mãos e pés. Todo o resto do corpo estava coberto com muita elegancia e bom gosto.»

O Muata, cujo retrato hoje damos, Canhembo V, que foi o que Gamitto viu em 1832, sendo então de mais de cincoenta annos de edade, é provavel que já não viva. Não era soberano equitativo e ao mesmo tempo corajoso como seu pae Muata-Laqueza, cuja fama ainda dura em toda a cafraria. Pelo contrario era impossivel excedel-o em dobrez, ardil, e crueldade. Á sua custa reconheceram os portuguezes a imprudencia commettida, em se fiarem nas suas promessas. Depois de seis mezes de demora na sua capital deixaram em fim Lunda. O seu retorno á costa do mar, com uma caravana de mais de trezentos negros, foi assignalado pelos mais temerosos desastres.

A despeito dos revezes que tem experimentado, o imperio do Muata-Cazembe é ainda o mais poderoso d'aquellas vastas regiões. Desde o rio Cazembe até ao rio Lualao póde ainda estimar-se o seu territorio em 150 ou 200 leguas de comprido, sobre uma largura aproximada de metade d'esta extensão. Lunda, sua capital, está situada sobre as bordas do lago Mofo: e tem duas milhas, com ruas largas, direitas, e mantidas em singular aceio.

Este vasto imperio, apenas indicado sobre as cartas, contém riquezas ainda mui desconhecidas do commercio europeu. Além do marfim em consideravel abundancia, do qual se conhecem cinco qualidades differentes, ha alli malachite, antimonio que apparece á flor da terra, cinabrio, e cobre em prodigiosa quantidade. O livro de Gamitto, infelizmente não tão conhecido como fôra para desejar do publico, publicado ha pouco tempo debaixo do titulo: *O Muata-Cazembe e os povos Maraves, Chevas, Muizas, Muembas, Lundas e outros da Africa austral. Diario da expedição portugueza dirigida áquelle imperador nos annos de* 1831 *e* 1832, é digno de ler-se, e estudar-se, porque serve para rectificar muitos erros, espalhados a respeito do interior d'aquelle continente, e para dar idéa da possibilidade da sua vasta exploração.

REI OU IMPOSTOR?

Chronica portugueza

VII

Curtissimo foi o reinado do cardeal rei. A 31 de janeiro de 1580 dava elle a alma ao Creador, sem

que as cortes do reino tivessem demarcado terminantemente o direito de successão. Os governadores, a quem o rei encarregára em seu testamento o cuidado e governo de Portugal, reuniram cortes com esse fim; mas por então apresentou-se D. Antonio em Santarem, esforçando-se por chamar a si alguns dos procuradores, como aquelles proprios attestam n'estas suas palavras: «Estando o dito D. Antonio condemnado e desnaturado, sem nossa licença e auctoridade se veiu metter na villa de Santarem, acompanhado de muita gente sediciosa e rebelde, induzindo os procuradores das cortes a rebelliões e desobediencias, encaminhadas todas a levantal-o rei.» — Por outra parte a todos recordava Filippe II os seus direitos, e exigia o empossassem d'um reino, que (dizia) Deus determinára lhe pertencesse por direito incontestavel; offerecendo-lhes liberalidade e apoio, se assim o praticassem, ou ameaçando-os de o tomar pela força, se lhe resistissem.

Os governadores, vendo quão a mal levavam os portuguezes submetterem-se aos castelhanos, buscaram mil pretextos para espaçar a crise. Tudo porém foi baldado. Filippe II, cujo caracter não soffria inuteis dilações saíu de Madrid a 5 de março, para dispor pessoalmente a expedição, e tomar por força a corôa portugueza, encarregando do commando d'este exercito o duque d'Alva, valente e inflexivel general d'aquelle tempo. Os aprestos para a guerra corriam com promptidão. Eram taes e tamanhos, que bastariam a conquistar em pouco tempo, não Portugal, mas tambem reinos maiores. Quereis formar idéa d'esses preparativos formidaveis, que tanto cuidado deram a nossos paes, e os venceram, porque antes de tudo lhes quebrantaram os animos? Lêde estas poucas palavras de uma carta datada de Mérida a 7 d'abril 1580: — «Passam oitenta peças d'artilheria, muita cavallaria e infanteria em numero de sessenta mil homens; no mar ha cem galeras e quatrocentos navios, e na costa de Biscaia e Galliza mais de seiscentos mil quintaes de biscoito, quinhentas mil fangas de farinha, e muitas munições.»

Tudo se dispozera com a energia e promptidão que caracterisavam os actos de Filippe II, que em 21 de maio se apresentou pessoalmente em Badajoz para verificar a sua invasão em Portugal. Em vão o bispo de Coimbra e D. Manoel de Mello correram a elle, pedindo-lhe que esperasse alguns dias a resolução das cortes, e não nos affligisse com a guerra. Tudo foi inutil. A ambição impetuosa do monarcha castelhano repugnavam demoras. A condescendencia que teve com aquellas supplicas foi mandar avançar o seu campo, que em 11 de junho estava já sobre Olivença, Campo-maior e Elvas!

Por este tempo espalhou-se a noticia de que estando em Santarem o prior do Crato, D. Antonio, ahi o haviam proclamado rei, celebrando missa o nuncio da papa, levantando-se pendões, e praticando-se as demais ceremonias usadas nas coroações dos reis; e que depois á frente de trinta mil homens entrára em Lisboa, occupára os paços chamados do thesouro, e apoderando-se do estandarte real, afugentára os governadores, que foram fortificar-se em Setubal, d'onde tambem foram logo expulsos pelos partidarios do novo rei. Foi por isso que Filippe II emprehendeu e activou mais a conquista de Portugal, e não se esqueceu do procedimento, já então sacramental, e ainda hoje mui respeitado dos revolucionarios modernos, de se anathematisarem mutuamente os principaes dos campos inimigos. Se nos nossos dias tem sido costume dimittirem-se de campo para campo, todos em nome do mesmo suspeito soberano, como traidores á causa publica (expediente ridiculo que ainda está para vingar uma vez, depois que a contenda accommoda pela transacção ou pela força), Filippe II no seu tempo, com a opinião que se tinha da auctoridade soberana do rei, não se contentou com isso, e em carta de 26 de junho declarou D. Antonio traidor, e a quantos de qualquer modo o favorecessem e ajudassem: e ainda que os partidarios do prior do Crato se mostrassem a principio audaciosos e tenazes, desfalleceram brevemente com as intrigas traiçoeiras que enredavam o reino, e á vista dos terços do duque d'Alva, que se apoderaram de tudo, até da mesma capital, de que D. Antonio teve a dita de escapar, e refugiar-se em França, d'onde por muito tempo não poupou esforços para lograr seu primeiro intento.

VIII

Filippe II assenhoreára-se do reino; mas por causa de um catarrho epidemico, de que tambem soffreu, só em 16 d'abril 1581 foi jurado pelos tres estados de Portugal, e em 29 de junho fez em Lisboa entrada solemne acompanhado de mais cavalleiros hespanhoes, que portuguezes, no meio de regozijos e acclamações officiaes.

Passados os primeiros cuidados, tratou logo Filippe II de apartar do reino todos os que se lhe mostravam suspeitos, por serem addictos ao prior do Crato, ou não parecerem mui contentes com se verem dominados por castelhanos, nomeadamente aquellas pessoas que por seu caracter e influencia podiam facilmente alterar a tranquillidade forçada do paiz.

No numero dos descontentes por ambos os motivos se contava um frade agostiniano. Era frei Miguel dos Santos, varão respeitavel, que duas vezes fôra provincial da sua ordem, prégador do rei D. Sebastião, e confessor de D. Antonio, com quem tinha intimas relações, e de quem era estimado como um dos mais particulares amigos e leaes servidores, de que dera ao real pretendente muitas provas durante a guerra, favorecendo-o quanto podéra, e mais talvez do que podéra. Assim não é para estranhar, que o que fosse mui acceito a D. Antonio, não alcançasse de Filippe II complacencia. Foi por isso que frei Miguel dos Santos, preso, mettido e remettido n'um coche, foi para Castella guardado por arcabuzeiros. Em Hespanha o procedimento do eremita fez que muitos o julgassem mudado e arrependido. Religioso exemplar e humilde, não só tocou a clemencia do monarcha peninsular, que em fim lhe concedeu a liberdade, mas interessou-o a tal ponto, que, para lhe fazer alguma mercê, mandou que o nomeassem vigario do mosteiro de Santa Maria Real, da villa de Madrigal, da ordem de S. Domingos, dando-lhe além d'isso o encargo de confessor de sua sobrinha D. Anna d'Austria, filha natural de D. João d'Austria, professa no dito mosteiro, senhora mui virtuosa, e de innocencia e caracter mui angelicos.

Os novos favores dispensados pelo monarcha a frei Miguel não alteraram em cousa alguma o seu precedente systema de vida. Sempre modesto e irreprehensivel no proceder, exacto no desempenho das obrigações inherentes á sua vigararia, viam-o no templo entregue com frequencia á meditação, ou aos cuidados do culto. Respeitavam-o as freiras como a varão virtuoso e sabio: amava n'elle particularmente D. Anna d'Austria o prudente director espiritual, que escutava como oraculo.

Mas o velho eremita nem no meio d'esta vida tão conforme á sua occupação e estado havia podido esquecer as suas affeições politicas, e a antiga amizade de D. Antonio, com quem conservava alguma correspondencia. Não podéra ainda renunciar á esperança de o ver um dia sentado no throno de Portugal.

Por mais que buscasse esquecel-a, esta idéa prendia toda a sua meditação, e concitava todo o seu des-

velo. Que faria, porém, um pobre frade, vivendo em paiz estranho, e sob a vigilancia de Filippe II? Sem embargo de tudo isto, nem estas circunstancias que desfavoreciam o religioso; nem a derrota que a armada franceza, que auxiliava a causa de D. Antonio, experimentára em frente da ilha de S. Miguel, nos Açores, em 1582; nem o horrivel castigo, infligido pelo marquez de Santa Cruz a algumas dezenas de prisioneiros, que fez degollar na praça publica de Villa Franca do Campo, na mesma ilha; nada foi capaz de fazer desistir o velho frade do seu proposito, que por fim se resolveu na combinação mais estranha, que dar-se póde.

Um dia, como de costume, praticavam no locutorio D. Anna d'Austria, e frei Miguel dos Santos. A imaginação do confessor parecia preoccupada por alguma cousa que o absorvia todo, e de vez em quando deixava escapar um profundo suspiro, que bem denunciava a pena que interiormente o molestava. A nobre e ingenua senhora, que o observava com cuidado, movida de compaixão, e estimulada pela curiosidade, não pôde conter-se que o não interrogasse sobre o caso.

— Meu querido padre (disse D. Anna d'Austria a frei Miguel) dias ha, que noto em vós certo abatimento. Vejo-vos pensativo e afflicto, e sendo-me tão conhecida vossa religiosa paciencia, vossa conformidade com as vontades do Senhor, e constancia nas adversidades, suspeito que estaes doente, ou tendes motivo para temer grave calamidade.

— Com effeito, senhora (respondeu o agostiniano) sinto a saude não pouco quebrantada, e não é por mim que isso me dá cuidado, porque espero que os que o Senhor me envia se dignará tomal-os em desconto dos meus peccados. Entretanto a tranquillidade d'um reino, a felicidade de tantos milhares de portuguezes, o sangue derramado já, e que ainda se póde derramar, me affligem e pungem o coração.

— Pois quê (perguntou D. Anna sobresaltada) ameaça-nos alguma nova guerra, está sua magestade em perigo, ou occorre cousa similhante?

— Nada, senhora, tranquillisae-vos. Nada do que imaginastes nos ameaça por ora. Mas lembrae-vos que sou portuguez, e que grande é o amor que um portuguez professa a seus monarchas, e a toda a real familia, e que não posso deixar de sentir não continuasse no throno aquella illustre descendencia. Talvez quando queira remediar-se este mal, seja demasiado tarde, porque a vida d'um homem fugitivo, escondido, errante, está sempre exposta....

— Por Deus, meu padre (exclamou D. Anna) pensaes ainda em favorecer os sonhos e imprudente empreza do bastardo prior do Crato?

— Senhora, bastantes provas tem já el-rei catholico de que abandonei a causa de D. Antonio, contra quem a justiça da terra e a fortuna se declararam com demasiado rigor.

— Então não vos comprehendo. Mal posso atinar quem seja esse homem escondido e errante, pela existencia do qual temeis, que vos inspira tanto interesse, que nem que com elle se podesse remediar o que por Deus foi disposto, que a dynastia reinante em Portugal acabasse no desgraçado e valente rei D. Sebastião.

— E se não fosse certo que essa dynastia tivesse acabado? (tornou frei Miguel dos Santos, applaudindo-se interiormente da direcção que conseguíra dar a esta pratica, de que procurava tirar um partido desconhecido).

— Mas essa supposição é absurda, quando já ninguem duvida da tragica morte de D. Sebastião nos campos d'Africa. Não tendo filhos, a sua descendencia acabou n'elle.

— Pois eu duvido d'essa morte, senhora, e, ainda accrescentarei mais, tenho tantas provas, tantos motivos para crer que D. Sebastião vive...

— Como? (exclamou a monja surprehendida) el-rei de Portugal meu primo?... podeis crer que não morreu na batalha? enganar-me-heis? Não posso comprehender esse enigma! Explicae-vos, frei Miguel. Tirae-me d'esta anciedade, que me faz divagar a imaginação sem entender o que dizeis.

— Fôra crime mentir-vos na mais intima confidencia. Sou incapaz de enganar-vos, mas tambem me não atrevo a declarar-vos abertamente o que ha no assumpto. A menor indiscripção, a palavra mais insignificante, podiam comprometel-o gravemente.

— E tereis coração para deixar-me atormentada com similhante incerteza? Por Deus, explicae-vos. Dizei-me ao menos se é certo que D. Sebastião vive.

— Senhora, que poderei negar-vos? Conto porém com a vossa prudencia. Já que desejaes saber a verdade, promettei-me que a ninguem fallareis sobre este assumpto, nem fareis a minima cousa sem consultardes comigo.

— Prometto-o por minha fé (acudiu logo a sobrinha de Filippe II) e se é certo que D. Sebastião vive, e se acha escondido, gostosa sacrificarei quanto posso e valho para vêl-o outra vez no throno, que tão dignamente occupava.

Isto que frei Miguel ouvia excedia todas as suas esperanças, e mal o podia acreditar. Muito a proposito a curiosidade recrescente da freira viera penetrar no seu fingido entrincheiramento. Propunha-se servir a seus designios com tal enthusiasmo e abnegação, que o eremita sorriu e applaudiu se interiormente.

— Pois, senhora (tornou frei Miguel) quiz o ceo conserval-o, e não duvidemos que vive. Ferido e disfarçado pôde escapar d'aquella batalha sanguinolenta. Cheio de rubor e de vergonha, vendo-se totalmente derrotado, não se atreveu a apresentar-se no reino. Um voto indiscreto o impede ainda de verifical-o, anda errante e desconhecido, sem meios, sem amigos, e exposto a mil desgraças. Vêde agora se tenho fundamento aos tremores, se tenho causa poderosa á afflicção! Dois annos ha que redobro os jejuns, as disciplinas, as orações, as esmolas, só para ver se mereço ao Senhor, que me revele o caminho que deve seguir-se em assumpto de tanta importancia...

— E acreditaes, padre (atalhou D. Anna) que não vos enganaram no que dizeis, que não ha n'isso alguma ficção, alguma troca de pessoa?

— Não ha maior certeza que a realidade, senhora. Que duvida póde restar-vos, agora que vos digo, que depois que o Senhor por muito tempo m'o representou durante o sacrificio, vi-o em fim, fallei-lhe, e é d'accordo com elle que vos faço esta revelação?

Nova prisão lançada á credulidade da innocente filha de D. João d'Austria! O frade triumphava de todas as duvidas d'aquelle espirito, tão vacillante como confiado.

Repetiu-lhe provas da existencia do rei portuguez, reforçou-as com anecdotas em que o rei figurava depois da batalha, sem esquecer a do licenceado Mendo Pacheco, que já referimos, e outras que se verão ainda; e de tal modo soube fazel-o, fallou com tom de convicção tão manifesta, que D. Anna creu-o absolutamente, e desde aquelle dia não pensou nem se occupou mais senão do encoberto rei de Portugal.

Saindo do locutorio, frei Miguel dos Santos exultava com a acquisição que fizera d'aquelle utilissimo instrumento, para conduzir com mais segurança a acção premeditada.

(*Continúa*).

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, rua da Boa-Vista, 5 F.